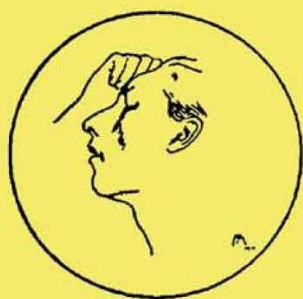


INSTITUTO DE FILOSOFIA LUSO-BRASILEIRA

MIGUEL REALE  
E O PENSAMENTO  
LUSO-BRASILEIRO

Actas do IX Colóquio Tobias Barreto



LISBOA  
2011

COLECÇÃO  
RAZÃO ATLÂNTICA

**Miguel Reale e o pensamento  
lusó-brasileiro**  
**IX COLÓQUIO TOBIAS BARRETO**

Organização de  
António Braz Teixeira, Renato Epifânio e Rodrigo Sobral Cunha



Instituto de Filosofia Luso-Brasileira  
[www.iflb.webnode.com](http://www.iflb.webnode.com)

## ÍNDICE

<b>Antônio Braz Teixeira</b> , “A Ideia de Democracia em Miguel Reale” .....	11
<b>José Maurício de Carvalho</b> : “Etapas do pensamento ontognoseológico de Miguel Reale” .....	25
<b>Bruno Maciel Pereira</b> : “A questão da perspectiva filosófica na meditação de Miguel Reale” .....	35
<b>Marco Antônio Barroso</b> : “A metafísica conjectural de Miguel Reale” .....	43
<b>Adelmo José da Silva</b> : “O imorredouro e a superação do historicamente particular no kantismo” .....	55
<b>Maria Celeste Natário</b> , “Filosofia da Cultura em Miguel Reale” .....	63
<b>Flávio Alves Martins</b> , “A influência do Culturalismo de Miguel Reale no Código Civil brasileiro de 2002” .....	69
<b>Rui Lopo</b> , “As diferenças culturais como problema filosófico: Miguel Reale, Vilém Flusser e Agostinho da Silva” .....	75
<b>Dirk Hennrich</b> , “Historicidade, Responsabilidade, Liberdade: Vilém Flusser e Miguel Reale” .....	87
<b>Filipe D. Santos</b> , “Correspondência entre Delfim Santos e Miguel Reale” .....	97
<b>Rodrigo Sobral Cunha</b> , “O Diálogo com Vico na formação da Filosofia da Cultura Brasileira” .....	103
<b>Aquiles Cortes Guimarães</b> : “Valor e fundamento na filosofia jurídica de Miguel Reale” .....	119
<b>Paulo Ferreira da Cunha</b> , “Teoria do Direito e teoria tridimensional do Direito em Miguel Reale” .....	125
<b>Clara Calheiros</b> , “Pensar o Direito a partir da ‘bilateralidade atributiva’” .....	139
<b>Ana Paula Loureiro de Sousa</b> , “Fontes e Modelos do Direito de Miguel Reale” .....	145
<b>João Maluf Júnior</b> , “O elemento de poder na teoria das fontes e modelos do Direito de Miguel Reale” .....	157
<b>Constança Marcondes César</b> , “Ética e liberdade em Miguel Reale” .....	169
<b>José Esteves Pereira</b> : “Miguel Reale e a Ideia de Estado” .....	175
<b>Alexandro F. Souza</b> : “O sentido do pensar do nosso tempo: filosofias nacionais” .....	189
<b>Renato Epifânio</b> , “Miguel Reale: A filosofia como autoconsciência de um povo” .....	201
<b>Alberto A. Abreu</b> , “Positivismo e antipositivismo no princípio do Século XX: republicanismo entre o positivismo e o antipositivismo” .....	209
<b>Leonardo Prota</b> : “A filosofia contemporânea na visão de Miguel Reale” .....	223
<b>Guilherme de Oliveira Martins</b> , “Miguel Reale” .....	227

**Filipe D. Santos**

## **CORRESPONDÊNCIA ENTRE DELFIM SANTOS E MIGUEL REALE**

'*Não precisamos (...) de passar pelos livros para chegar ao Homem*', afirmava Delfim Santos evocando a personalidade de um seu colega.<sup>1</sup> E assim é, entre outras razões porque temos os egotextos, que mais nos dizem do caráter de alguém do que todos os seus tratados, artigos, ensaios ou mesmo explorações ficcionais. Autores que apenas nos deixam material acadêmico cedo perdem qualquer significado para os pósteros, sendo certo que só o contacto com a intimidade do escrevente o pode trazer de forma duradoura para o nosso convívio.

Aqui e além tenho chamado a atenção para o erro de alguns editores de acervos que decidem «deixar para o fim», se é que lá chegam, a edição da correspondência, vítima de persistente estigma como *género menor*. Não é este o lugar para um ensaio de *egohistória* que preparo algures. Lembro apenas aos mais desatentos que a carta é o lugar do diálogo com um interlocutor próximo ainda que ausente, ou seja, a sede do intercâmbio mais vivo, palpitante e instantâneo de ideias e emoções só ultrapassada pelo diálogo de viva voz. Mantida como privada em vida do destinatário, é credora póstuma de autenticidade como lídimo fragmento autobiográfico. Se os diários são missivas escritas ao próprio, propiciando ainda maior confiança e sinceridade, as cartas destinadas a outros podem ser tidas por vitalmente genuínas no limite do grau de intimidade e da profundidade do relacionamento entre os correspondentes. Na verdade é todo um leque de emoções, desde as mais frias formalidades ao desabafo mais desesperançado ou à confissão mais desarmante, que nelas pode ser encontrado, muitas vezes em avanço paulatino ou regressão súbita.

O convite para a partilha das intimidades epistolares tem apelo para públicos cada vez mais vastos. A causa deste sucesso radica na relação contrária que obra académica e científica por um lado, e a correspondência pelo outro, sustentam com o Tempo, o juiz imisericorde de todo o afazer humano. Sendo o tratado um escrito com intento perene e a carta oriunda de propósito efémero, o primeiro, como prosa científica, obsolesce paulatinamente, é válido durante alguns anos mas depois se congela no seu tempo de escrita; pelo contrário, o fascínio da epístola reside precisamente na sua situação micro-temporal e é a sua vetustez que a rejuvenesce sempre, ancorada como está nesse tempo tão pequeno (microtempo) de que nos traz, com sabor de época, viva notícia,

---

<sup>1</sup> Delfim Santos (1962) *Primeiro rascunho de Homenagem a Vieira de Almeida*, inédito em vias de publicação.

algumas vezes elíptica, outras em forma de instantâneo, paralela ao *fait divers* mais do que aos supostos *grandes acontecimentos*. Lendo missivas o leitor se apercebe e se comove com a universalidade das experiências humanas que nelas foram plasmadas, com a persistência e constância de situações similares às que ele próprio já viveu, sejam o amor ou a raiva, a frustração ou a intriga, ou quiçá a euforia de uma efêmera felicidade. Também encontra tudo isto na ficção, é certo, mas aqui elas estão adornadas com a coroa do verdadeiro, do vivido, sem concessões aos artifícios da fantasia.

Desse sucesso nos falam os números também: a quantidade de teses e monografias sobre Delfim Santos listadas no site *www.delfimsantos.org* que foram redigidas nos 12 anos que se sucederam à primeira edição de uma recolha de cartas (1998) é já a mesma do que aquela relativa aos 32 anos transcorridos entre a sua morte e essa publicação, que se pode pois dizer que revolucionou e impulsionou os estudos delfinianos e tornou o Autor íntimo dos que o não conheceram em vida. Se a obra académica impôs o pensador, foram as cartas que revelaram o homem em seus sonhos e projetos, em suas esperanças e desesperanças.

Foi pois triste ouvir José Maurício de Carvalho comentar, no término de suas largamente infrutíferas buscas por alguns arquivos do Brasil potencialmente depositários de missivas delfinianas, que *'os brasileiros não guardam cartas, não lhes dão qualquer valor, quase sempre as destroem'*. Reflexos talvez do que Massaud Moisés escrevera em 1969 sobre ser a epistolografia um *'dos capítulos mais pobres da literatura brasileira'*, pobreza de que no período colonial ele apenas isenta Vieira, este em verdade inserido em uma grande tradição epistolográfica jesuíta cujo globalizado império espiritual e escolar forçava a constantes carteios. É ainda Moisés que nota que a epistolomania, que datava na Europa pelo menos do séc. XVI, só chegou ao Brasil em finais do séc. XIX e com não muita força.<sup>1</sup> Se é assim perderam os leitores brasileiros a mais espontânea parte da personalidade de seus Autores que tanto merecia ser conhecida e se perigou mesmo a sobrevivência da sua memória junto do público.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Massaud MOISÉS (1969) *Epistolografia na literatura brasileira*, Jacinto do Prado COELHO, *Dicionário de Literatura 1*, Porto: Figueirinhas, 298.

<sup>2</sup> Ao contrário de certos juízos superficiais que veem no email no fim da epístola, este não é um sucedâneo menor mas um apreciável salto evolutivo dela: nascida há milênios nas tabletes de barro e nos papiros é agora convertida em energia pura e luz. Assim é que o futuro da epistolografia é hoje de novo risonho: em seguida à grande ameaça que constituiu a introdução do telefone, destruidor dos hábitos epistolográficos dos homens de cultura (há reflexo dessa decadência na qualidade e quantidade da epistolografia delfiniana dos anos cinquenta e sessenta com amigos próximos), a ressurreição da palavra escrita operada pelo correio eletrónico resgatou o hábito missivista e facilitou a conservação das correspondências, não sendo já necessários penosos exercícios discolográficos.

Quase todos os documentos e seguramente todas as missivas entre Delfim Santos e o seu colega e amigo Miguel Reale se acham já publicadas em *Meu Caro Delfim, Delfim Santos e o Brasil*, coletânea saída a público em inícios de 2011 mas finalizada desde que eu próprio estudei em 2006 no Brasil os laços e os traços do itinerário brasileiro de Delfim Santos. Impõem-se aqui apenas algumas notas sobre este núcleo do Arquivo Delfim Santos que se insere num conjunto documental mais vasto relativo às relações do filósofo português com o Brasil.

O carteio interatlântico de Delfim é bem a história de um *namoro*, cheio de encantamento mútuo, de um homem por um país. Nesse conjunto a presença de Miguel Reale impõe-se: terceiro correspondente em número de missivas, perdendo apenas para Vicente Ferreira da Silva e Luís Washington Vita, nele figura com 13 peças enviadas e 2 recebidas, estas resgatadas devido aos bons ofícios de J. Maurício de Carvalho junto do Arquivo Miguel Reale. A desproporção é evidente. *Coração arquivista*, Delfim guardava religiosamente tudo quanto recebia dos seus amigos e salvou com cuidado e carinho as linhas daqueles que descuroavam as suas. Porém é possível que com o tempo se encontrem mais peças epistolares, sobretudo agora que a publicação deste conjunto revela a importância e o peso da grande nação brasileira na vida de um homem que sempre se sentiu próximo dela, até mesmo antes de a conhecer, como tão bem disse Leonardo Coimbra ao evocar sua saudade por uma terra nunca vista.

Miguel Reale visitou Lisboa de passagem entre Roma e São Paulo em abril de 1952, a convite da Faculdade de Letras e do SNI, o que é no mínimo inesperado dada a *mauvaise presse*, certamente injustificada, de que o último organismo parecia gozar no Brasil. Dirigia a primeira daquelas instituições António Augusto Gonçalves Rodrigues e a segunda José Manuel da Costa. Nem um nem outro figuram na foto do jantar oferecido ao ilustre visitante de além-Atlântico. A verdade é que é Delfim Santos quem exerce as funções de co-anfitrião sentando-se à esquerda do homenageado que tem sentado à sua direita o Ministro dos Negócios Estrangeiros português, Paulo Cunha. São ainda identificáveis as presenças de Orlando Vitorino, Silva Leal e António José Brandão e de mais um conviva desconhecido.

A presença do filósofo português explica-se pelo seu contacto prévio com os brasileiros: Delfim sabe da chegada de Reale precisamente por um telegrama do Brasil assinado por Renato Czerna, onde não são esquecidas as saudações de Vicente Ferreira da Silva que já tentara apresentar Delfim a Reale aquando do regresso deste do Congresso Nacional de Filosofia da Argentina, em Mendoza, decorrido entre 30 de março e 19 de abril de 1949. Os dois já ouviram falar muito um do outro pelos seus comuns amigos, mas é agora que se conhecem, num qualquer momento após o dia 20 de abril de 1952, data da chegada anunciada de Reale à capital portuguesa.

Por carta de Miguel Reale datada de 13 de junho de 1952, alguns meses após ter regressado a São Paulo, sabemos que em Lisboa os dois falaram do planeado Instituto Português de Filosofia e da colaboração de Delfim Santos para a *Revista Brasileira de Filosofia*. Iniciam-se as alusões familiares e pessoais reveladoras de crescente intimidade, com Reale mencionando a doença e depois a morte de seu pai, e os projetos na área da história do pensamento luso-brasileiro, incluindo pedidos de estudos sobre Silvestre Pinheiro Ferreira por parte de Reale ao seu colega português.

Como Delfim parece demorar, Reale insiste no envio da prometida colaboração em fevereiro do ano seguinte, que efetivamente chega em março sob a forma de um artigo sobre Pascal. Reale promete rever as provas tipográficas do número da Revista onde irá sair o texto<sup>1</sup> mas acabará por entregar a tarefa ao português Eudoro de Souza, que o assistia na preparação do Congresso Internacional de Filosofia comemorativo do Quarto Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo. Já se fala aqui na ida de Delfim ao Brasil mediada por contactos com o leitor brasileiro em Lisboa, Álvaro Lins, para um ciclo de conferências no Rio de Janeiro e em São Paulo. Seria, aliás, este o ano em que Joaquim de Carvalho, professor de Filosofia na Universidade de Coimbra, estanciaria no Brasil para aí palestrar a convite de Cruz Costa, o corifeu da *filosofia oficial*, tardopositivista e filomarxista em São Paulo.<sup>2</sup>

Todas as cartas seguintes de 1953 e 1954 versam sobre a preparação do Congresso, que já tinha papel timbrado desde março de 1953, ou seja, um ano e meio antes da data prevista para o evento – o que dá bem a ideia do cuidado com que este foi preparado. Reale tenta que as autoridades portuguesas paguem parte da viagem de Delfim, algo que não se concretiza, porém sem jamais colocar em causa a oferta de passagens e estadia já prometidas a custos da comissão organizadora do Congresso. A oferta incluía, além das despesas do alojamento, a passagem de ida e volta pela *Panair do Brasil* porém o regresso se fará por via marítima, por razões não inteiramente esclarecidas, mas que se podem prender com um quase desastre aéreo em Dakar durante o voo de ida.

A lembrança do congresso arrasta-se pelos meses e cartas seguintes, com a saudade daqueles «dias eufóricos» sendo evocada por Reale em dezembro de 1954 e por Delfim ainda em dezembro de 1955. Nesta última carta Delfim

---

<sup>1</sup> *Revista Brasileira de Filosofia* v. 3, fasc. 2, 199-212; tratava-se da versão portuguesa inédita de um estudo já publicado em tradução francesa.

<sup>2</sup> Sobre os três ramos em que se dividia a filosofia paulistana, o de Reale, o chamado «da Maria Antônia» e o de Vicente Ferreira da Silva, ver a minha introdução a (2011) *Meu Caro Delfim*, 20-21.

demonstra preocupação pela política brasileira, da qual Reale era um dos principais atores, como se constata pela leitura das suas *Memórias*.<sup>1</sup>

Há um hiato de documentação, se não de relações, a partir de 1956, quando cessam os habituais cartões de boas festas de Nuce e Miguel Reale. Mas Reale regressa a Lisboa em março de 1962 e é então que as relações entre ambos atingiram o seu ponto culminante. *'É claro que aproveitei a oportunidade para estreitar ainda mais as relações com filósofos portugueses, sobrelevando a todos a amizade que devotava a Delfim Santos'*, diz Reale em suas *Memórias*.<sup>2</sup> Acabara de nascer a primeira descendência de Delfim na sua nova família, pois casara em segundas núpcias em 1957 e um primeiro nascimento em 1959 fora mal sucedido. Esta circunstância foi um momento de triunfo e alívio para o casal Delfim Santos e Miguel Reale ao coincidir com o calendário da sua visita acaba por tomar parte nele.

Após a morte do seu amigo português ocorrida em 1966 Reale envia, a pedido da viúva e um ano e meio depois, um texto para o *In memoriam* que ela promoveu mas que não chegou a ser publicado em Portugal, tendo o contributo de Reale sido impresso pouco tempo após num periódico paulistano.<sup>3</sup>

Em ulteriores visitas a Portugal não teve mais contactos com a viúva de Delfim Santos mas deixou nas suas memórias diversas alusões e menções ao amigo português, que entre todos os seus colegas de além-Atlântico é um dos mais presentes e mais saudosamente evocados.

Dir-se-á que as cartas, por si só, não nos dão a medida dessa amizade cordial. É verdade que não têm o *pathos* das de Vicente Ferreira da Silva ou a jovial cumplicidade das de Luís Washington. Mas são testemunhas, mesmo na sua formalidade inicial, de interesse e respeito mútuos e para o final denotam já um nível de acordo e entendimento superiores. Conjugadas com outros testemunhos, como as citadas *Memórias* de Reale e esparsas alusões em cartas de outros correspondentes, são ainda assim eloquente vestígio de um encontro de dois pensadores com afinidades no domínio filosófico (sobretudo a influência de N. Hartmann) profissionais (ambos *outsiders* mas trabalhando no sistema oficial de ensino dos seus países) e sobretudo de carácter, pela cultura de genuinidade e autenticidade que era apanágio de ambos.

<sup>1</sup> Miguel REALE (1986) *Memórias 1: Destinos cruzados*, São Paulo: Saraiva; (1987) *Memórias 2: A balança e a espada*, São Paulo: Saraiva.

<sup>2</sup> Vol. 2, 1987: 89-90.

<sup>3</sup> Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, 16.03.1968.